

Apresentação

A Revista Brasileira de Literatura Comparada se propôs a fazer, em seu número 16, um debate que contemplasse a profusão recente de teorias, muito próximas ou nem tanto das especificidades literárias, e sua consequente produção de um campo de instabilidades no cenário das discussões acadêmicas. Pode-se avaliar a grande relevância da questão em decorrência do fato de que esses exercícios de construção teórica têm o caráter permanente de crescimento, isto é, as reflexões e contribuições se acumulam, exigindo de nós, profissionais, o esforço constante de atualização e a habilidade para equilibrar e examinar as nuances de cada formulação teórica que se apresenta. É fundamental, ainda, que se estabeleça um diálogo entre as mais novas proposições e o repertório de ideias veiculadas pela tradição em nosso campo do conhecimento. A Literatura Comparada não pode se abster da participação nesse debate. E seus estudiosos também não devem se esquivar da investigação aprofundada sobre o movimento incessante no cenário teórico e seus pontos de contato com o comparatismo. É esse espírito que move os artigos do presente número.

Luiz Gonzaga Marchezan, no ensaio “A leitura da literatura e os dias”, resolve iniciar o percurso de sua reflexão sobre a literatura e a leitura da ficção a partir dos clássicos Platão e Aristóteles, mas estende o exame para momentos mais próximos do presente, a partir do olhar que se volta para os Estudos Culturais, para a retomada de Roland Barthes e para as abordagens feitas por Umberto Eco e Tzvetan Todorov já no século XXI. O contraste de

perspectivas mais recentes com as concepções platônicas e aristotélicas é assumido como desafio administrado com perspicácia pelo autor.

A concentração sobre os Estudos Culturais é a escolha de Carlos Magno Gomes, em seu artigo “Leitura e estudos culturais”. Tomando essas contribuições como ponto de partida, o autor se detém sobre a paródia e a intertextualidade como manifestações significativas para a problematização da leitura de acordo com enfoques contemporâneos. Desta iniciativa resulta uma revisão do conto “A moça tecelã”, de Marina Colasanti, articulada ainda com a contribuição de importantes comparatistas brasileiros, como Eduardo Coutinho e Tânia Carvalhal.

Márcio Roberto do Prado dirige sua atenção, em “Entre os fragmentos do espelho: reflexos e reflexões do pensamento teórico sobre a Literatura”, para as possibilidades de interpretar fenômenos recentes como a comunicação e a cibercultura, mantendo o diálogo com diversas fontes da teoria literária. Assim, Platão e Aristóteles são convocados novamente para o debate, acompanhados também de Henry Jenkins e Pierre Lévy, além de outros apreciadores das manifestações culturais do nosso tempo.

O artigo de Teresa Cabañas, “A razão prática da teoria”, constitui um exercício metateórico. Trata da cena brasileira, focalizando, entre outras questões, o debate crítico-teórico em torno da poesia marginal, ao revisitar as intervenções de Heloisa Buarque de Hollanda, Carlos Alberto Messeder Pereira, Iumna Simon, Vinicius Dantas e Glauco Mattoso. Sobressai, ainda, uma análise do problema da produtividade e de sua interferência sobre a política de produção de textos acadêmicos no ambiente universitário.

As temporalidades tornam a assumir papel central no trabalho de Renata Telles: “Assombração do passado e abismo do futuro: entre o tédio e o espanto”. As atenções dividem-se entre polêmicas e polarizações experimentadas no território da crítica literária brasileira, o destaque conferido à memória como questão vital para os estudos

contemporâneos e a análise de romances de Bernardo Carvalho publicados nos últimos anos: *Nove noites*, *Mongólia* e *O filho da mãe*.

A ideia de privilegiar um determinado autor brasileiro para fazer emergir a discussão teórico-crítica é a origem do procedimento de Wilberth Salgueiro em seu artigo “O poema refém da teoria e da interpretação: exercícios críticos em torno de Paulo Leminski”. As referências caracterizam-se pela diversidade: clássicos como Adorno, Barthes, Benjamin e Ezra Pound comparecem. Mas o espaço do debate é preenchido também por Antoine Compagnon e Linda Hutcheon.

O foco de Alvaro Hattner, em seu trabalho “Quem mexeu no meu texto? Observações sobre Literatura e sua adaptação para outros suportes textuais”, é direcionado para as múltiplas relações entre literatura e cinema e para os processos de consolidação de novos suportes para os textos literários. Conceitos como adaptação e questões relativas à narratologia e à transmidialidade são abordados. Assim, o universo da interatividade, dos *videogames*, das narrativas gráficas e dos RPGs ganha o interesse do autor.

“Literatura e cinema: memórias e histórias” é o título do artigo de Rosana Cássia Kamita. O diálogo entre as duas linguagens artísticas, a literária e a cinematográfica, está mais uma vez no centro das reflexões desenvolvidas. O processo de adaptação orienta também os questionamentos do trabalho, aos quais se acrescentam as preocupações com as relações de gênero examinadas no romance *Minha vida de menina* e no filme *Vida de menina*.

Uma questão que merece ser ressaltada na prática da investigação do quadro da(s) teoria(s) literária(s), de seu caráter de multiplicidade e das possibilidades de conexão com a Literatura Comparada é o papel vigoroso desempenhado pela filosofia como conjunto de fundamentos para os exercícios reflexivos. O ensaio de Jaime Ginzburg, “Violência e forma em Hegel e Adorno”, ilustra tal importância ao eleger o pensamento hegeliano sobre a épica e

sua revisão na *Teoria Estética* como tópicos centrais para os estudos literários.

Alessandro Zir contribui para o debate com o texto intitulado “A persistência de questões de ordem ontológica na Literatura Moderna: uma perspectiva para a Crítica Literária Moderna”. Ideias platônicas e concepções humanistas são revistas pelo autor em longa trajetória que inclui passagens por pensadores italianos e franceses, Nietzsche e Adorno, romancistas como Proust e Virginia Woolf. O estudo é concluído com uma avaliação das obras de Guimarães Rosa e Clarice Lispector à luz das questões ontológicas.

A relevância da filosofia faz-se presente ainda no ensaio de Rodrigo Guimarães, “Kostas Axelos: o ‘jogo da errância’ des-articulando teorias”. O filósofo grego contemporâneo ocupa espaço destacado no texto, entre outros fatores, pela repercussão de suas ideias sobre Deleuze. O impacto de questões como o jogo, a errância e o niilismo é avaliado em confrontos com diversas produções literárias como as de Rimbaud e o inquietante *Bartleby*, de Herman Melville.

Luiz Carlos Santos Simon
Luís Bueno